

ALFREDO MARGARIDO
CARLOS EURICO DA COSTA

DOZE JOVENS
POETAS
PORTUGUÊSES



869.14
M 327d
ex. 2

OS CADERNOS DE CULTURA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

A. Margarido

Doze jovens poetas portugueses.

869.14
M188 d
Ex. 2

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIB. J. O. E. P.	
NUMERO	DATA
582	30-10-59

DOZE JOVENS POETAS PORTUGUESES

HÁ, nos poetas apresentados, e para além das aparentes e pequenas contradições verticais que possa haver, a mesma corajosa força que transforma a sua poesia numa *aventura* (tomado o termo no seu sentido mais agressivo e mais total). A poesia é a aventura do homem e do real lançados um pelo outro no mesmo movimento. Extinguem-se as luzes; um delírio de estrelas evoca as Sombras. A poesia define-se por comparação com a vida, de que não cessa de exaltar as forças, retirando-lhes as mordidas seculares.

O fundo comum de rebelião contra os caminhos tradicionais da poesia portuguesa irmana-os. Na verdade esta poesia propõe uma poesia maior, liberta do nítido cunho confessional dos poetas que os antecedem. É uma poesia de *conhecimento*. O espírito noturno de que fala Rimbaud bafeja o mundo destes poetas e as coisas interpenetram-se e completam-se sem que a sua situação possa ser definida de uma maneira histórica e geográfica.

Decididamente se lançam no abismo, desobedientes, irresponsáveis, alheios ao direito comum, descobrindo os objetos para além da sua aparência cotidiana, rodeando-os daquele isolamento que é essencial para lhes descobrir a face *real*. Responsáveis, contudo, nos aparecem quando, senhores das suas íntimas vivências, jogam com a matéria verbal nos labirintos da angústia, entre os nevoeiros de Elsenor. A cada contato desmoronam-se as tórris. Desagregam-se as velhas estátuas. A cada poeta cabe agora a missão de, conquistando as palavras, repovoar o vácuo. O poeta maneja o chicote de setenta e duas pontas, de setenta e duas línguas. E' o senhor das palavras e, no silêncio, valoriza-as e recria-as. Doloroso e trágico esforço de transportar o vaso sagrado para a forma do Verbo, traído a cada instante pela instabilidade de cada vocábulo. Um personagem de Ramon Perez de Ayala diz "el cosmos está en el diccionario de la lengua castellana". O poeta recria o cosmos, o esfacelamento cotidiano e eterno jogando com as palavras. Elas têm a sua vida própria. Dentro dos poemas dos poetas apresentados a palavra é, a um tempo, dependente e independente, correspondendo a esta dupla situação dialética do poeta perante o mundo e perante êle mesmo. Assim importa vê-las no encadeado do poema e na sua independência, válidas por elas mesmas.

Entre o cotidiano, o maravilhoso concretiza-se no real. O sobrenatural, o insólito, o amor, o sono, o pesa-

delo, os jogos sexuais, a loucura, as quimeras, a poesia, o sangue, o acaso, o medo, tôdas as evasões de todos os gêneros, os espectros, os prazeres, a angústia, os sonhos (os incandescentes martelos do sonho), o absurdo, o conto de antes de adormecer, êste mudo mágico da surrealidade, são a pele do vidente. Frente aos espelhos multifacetados procura encontrar-se para além da imagem reflectida. Quanta angústia (e agonia) nesta tentativa de mensurar o espaço que medeia entre a imagem refletida e a superfície refletora. Conhecer a exata ambigüidade é uma ponte lançada, sem qualquer espécie de suporte, entre as margens, paralelas, da vida e da morte. O ato cotidiano, a reconquista do real cotidiano é o rio que liga os espelhos entre si. Por isso a revolta é diária. O poeta joga com o *absoluto*.

A carne pende como um fruto sôbre densas plâncias de metais liquefeitos. O poeta invade o mundo dos glóbulos cerebrais e, senhor da sua presença física, sente e sabe que o sangue é tão sábio como a inteligência. O amor é sentido na carne. O grande simpático e o plexo solar são agora objeto de investigação, objetos de uso comum. Para o poeta o amor não é só sentimento. E' a carne esbracejando nos delírios dos tentáculos da carne, a solidão da carne perante a morte, desejando o amor mas sabendo-se envolvida na putrefação diária, transportando e aumentando a sua própria morte. O poeta procura o absoluto do amor,

e as imagens fálicas brotam de entre o evoluir dos sonhos e quebram o silêncio.

O poeta não *pretende*; silencioso e triste ou alegre e trágico concatena a experiência com aquêlê *entusiasmo* de que fala Hölderlin no Hyperion e, através de nevoeiros e de claridades, através de céus e de infernos, camponês do céu, anjo do inferno, Orfeu procurando a face dispersa de Eurídice, penetrando na noite do homem e na Morte, busca o homem integral.

Dada à poesia esta função de *conhecer*, rompe-se com a tradição. Por isso se pede ao leitor que não examine o poema de acôrdo com a lógica tradicional. Esta poesia é nitidamente não-aristotélica. As imagens vivem no espírito; é necessário deixá-las viver sem tentar compreendê-las. Com efeito estas imagens são imagens sobrepostas, blocos de imagens ligadas por laços de ordem emotiva, desprezando a lógica de uma maneira tão tensa que não é possível (tantas vêzes) distinguir pontos de referência. O poema é um todo. Resulta de tudo isto que o sentido de *superfície*, o *sentido usual*, tem muito pouca importância e pode mesmo não existir. O que importa é o sentido da profundidade, a descida, de escafandro ou nu, mantendo uma vaga ligação de tubo de oxigênio com o mundo ou fazendo dos pulmões guelras, às regiões abissais, onde vivem os peixes cegos e as vegetações são estranhas flores fosforescentes. O real é a luz

de um outro mundo pelo qual nós vemos os objetos na sua total realidade e não apenas na sua aparência. A poesia é uma *presença*, retrata a descida agônica às realidades íntimas e subscientes, na realização específica da evolução de um mundo interior.

Com a entrada dêstes poetas nos quadros da literatura portuguêsã, surge, pela primeira vez na sua história, a importância da imaginação. Com efeito, todos os poetas portuguêses fazem do *eu* o objeto total da sua poesia. Agora o poeta retira-se a sua importância como *fim* da poesia. A imaginação, a faculdade que nos permite obter em momentos únicos e imprevisíveis as imagens do invisível, a retransformação do mundo cotidiano entre as grandes árvores (de chumbo e de urânio, estalactites arbóreos, florestas de espelhos e de reflexos), toma os seus direitos. Afasta-se da representação usual do poeta e do seu mundo psicológico por intermédio de imagens. A imaginação é a reconquista da realidade, o retirar do véu das aparências, afastando-nos, por consequência do mundo tangível e familiar. O sonho é agora o aspecto comum da vida real, o barroco em que os exércitos das imagens se ignoram e se chocam na noite, tumultuosamente. O poeta mergulha no tempo das suas mãos. E cada prisma, cada reflexo, brilhante ou opaco, marca o sazramento do tempo. Com êle cresce a Morte. A morte que todos os dias nos rodeia e nos limita, figura a um tempo familiar e alheia, alegre e trágica. Mas

nenhum poeta tenta a fuga pelos interstícios. Cotidianamente presente, envolvido na aventura, é uma solidão que se constrói. A existência é um ato reflexivo em que o existir é a própria transformação do mundo feita pelos gestos, pelas palavras, pelos sonhos. Cientes do seu poder, cônscios da sua grandeza (na certeza de que o amanhã é dos loucos de hoje), andam no interior dos sismos, entram na crista das vagas, na certeza de que a ação é o objeto último da poesia.

A mais nítida face dramática da experiência destes poetas é a luta cerrada contra as evidências. Cada poeta recompõe a verdade e o mundo e a angústia. As fronteiras poéticas comuns pulverizam-se e o poeta fica só, insulado, em face do Tempo e da Morte. O Verbo envolve-o com os coleantes anéis do eterno, do irremediável e fá-lo penetrar nas grandes florestas do desconhecido, êsse "ponto do espírito onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável, o alto e o baixo deixam de ser percebidos contraditoriamente".

O labor lento e metódico não basta para conquistar a realidade: ela está mais distante. As suas iluminações, as suas transformações, a face ora velada ora brilhante do reflexo, as suas transfigurações surpreendem o anjo negro do cosmos. O poeta é a noite do cosmos. Das plantas dos pés crescem-lhe raízes e rios e planícies e florestas. Traz nos braços as nuvens e a espuma dos mares. O dorso refaz a pele rugosa de

todos os sistemas orográficos. As palavras vêm do fundo de tudo, trazem na pele as estranhas faunas, as enormes flores carnívoras, as rosas negras, rosas de carne, o prisma e o reflexo, tôdas as coisas e todos os seres que fazem e refazem o surreal.

Cada poeta tenta cercar o inefável e, cada um no seu continente, independente e dependente dos outros, entre a sua fauna e a sua flora particulares procura com desespero uma nova estação, a independência da sucessão empírica das coisas, a solenidade da mistura às feras, às árvores, às correntes subterrâneas e funâmbulas que são ópio e metais, música e silêncio, vida e morte. Os pequenos seres (cuja presença tantos destes poetas acusam, ora implícita ora explicitamente) caminham, com os seus fatos de corte e de tecidos fantásticos, entre as margens destes rios subterrâneos, suspensos. Cada um deles consulta a parede negra e movediça que oculta a morte, a imagem solitária mas válida e ardente. Cada um deles se perde momento a momento e, também de momento a momento, retoma o seu lugar, que é já um lugar diferente, na sucessão dos reflexos e da corrente, para recomeçar o jôgo mágico, pressagiando e profetizando.

A procura do amor é a procura de um absoluto. Diferentes dos seus antecessores na poesia portuguesa, estes poetas procuram com o sexo, com o plexo solar, com o grande simpático. Poder-se-á dizer que a função se degrada, mas a verdade é que o amor é um ato

válido por si, independente do sentimento. E, para rodeá-lo, inventam os poetas estas geografias de pesadelo, invadem a magia dos turbilhões cósmicos, com o trágico e o cômico incluídos no movimento molecular das coisas. O mistério, a alquimia dos gestos e dos seres, o Oculto, estão, nestas geografias de pesadelo, entre zoologias e botânicas ferozes e agressivas.

A uma poesia de submissão ao mundo, de queixa perante a vida, opõem êstes poetas uma poesia de violência, de agressão. Implacáveis como a noite, como as tempestades, como os terremotos. A sua morada é no centro do mundo. O homem aparece em tôda a sua nudez terrível, em paisagens sem pele, com a Morte, negra e solene, no fundo da Noite e do Tempo entre terras frias, entre brumas ásperas, entre radiações de Infinito, para dizer onde está a Oculta Morada. O grito do homem é violento. Cada um procura dentro de si a sua própria morte e a morte alheia.

“O que fica os poetas o fundam.”

Alfredo Margarido — Carlos Eurico da Costa.

ALBERTO DE LACERDA — Nasceu em 1928, na Ilha de Moçambique. Vive atualmente em Londres, onde é locutor da B. B. C. Co-fundador de “Távola Redonda”, (1950). Colaboração (poemas e ensaios) em “Távola Redonda”. “Unicórnio”, “Portucale”, “Árvore”, etc. Prefaciou e organizou “Poemas Escolhidos”, de Rui Cinatti (1951-Ed. “Cadernos de Poesia”). “Poemas”, Cadernos de Poesia (1951).

ASCENSÃO

Vou construindo a Verdade com degraus de pedra,
de pedra gemendo em doloroso sangue,
E à medida que as mãos pedem Perfeição
(as operárias mãos da alma insatisfeita)
seres invisíveis, puros, delicados,
afastam do meu ser as capas que me são
completamente alheias.

Solitude completa — o meu mistério
desta escadaria dolorosa.

Mas há no fim de tudo um lúcido Clarão.

E' como a Cruz antiga que possuí no meio
uma perfeita Rosa.

OMBRO

E' uma sombra ligeira.

Deixa sossegar
a minha cabeça sôbre o teu ombro,
como quem dorme.

Numa saudade imortal
talvez o deus que me habita
houvesse desejado a minha morte.

BACH

No claro silêncio desnudo,
a Geometria dança livremente.

Eu sinto, eu creio, eu canto, a luz é tanta
que a sala se esboroa por completo
e o céu cobre, em palácio, o mundo inteiro.

Sou a reta sublime que se cumpre
desde o centro da terra ao infinito.

ODE

Não receies nenhum dia.
O tempo é uma praia infinita que é sempre visível de uma
[espécie mar].

Nós somos as ondas. Nós é que levamos
aos dias, o bem ou o mal.

DIOTIMA

Ès linda como haver Morte
depois da morte dos dias.
Solene timbre do fundo
de outra idade se liberta
nos teus lábios, nos teus gestos.

Quem te criou destruiu
qualquer coisa para sempre,
ó aguda até à luz
sombra do céu sôbre a terra,

libertadora mulher,
amor pressago e terrível,

primavera, primavera!

ALBERTO LACERDA.

ALEXANDRE PINHEIRO TÔRRES — Nasceu em Amaranete em 1921. Colaborou no "Mundo Literário". Dirigiu, com Egito Gonçalves, a revista "A Serpente". Publicou "Novo Gênesis" (poesia) em 1950. Reside no Pôrto.

Extraído do final do poema *Condenado à Morte*.

(SONHO BREVE)

Sonho que o universo é uma flor de veneno presa na garrafa verde do infinito e que há uma boca de riso sereno a buscar o choro no incêndio dum grito.

Despenha-me a chuva doce da ambição que embriaga a flor com um húmus alcoólico, e o veneno ácido rompe, sem perdão, o muro de vidro chamente diabólico.

A cascata tomba nessa boca impávida cheia de beber a secura do riso, e dos olhos cai, para a garganta ávida, a primeira lágrima dum vão paraíso!

(LENDA DA ÚLTIMA NOITE)

A besta silenciosa fêz avançar as quatro patas aninhou-se, pachorrentamente, na terra. A lava do bafo escorreu, então, no estábulo grandioso que é esta prostituída cabana de teto devassado.

Ah! o condenado gritou que a última noite aparecia com êsse disfarce insultuosamente impróprio e que êle era obrigado a sentir o beijo pegajoso da besta em vez do gozo repousado doutro disfarce mais conforme.

As derradeiras horas surgiam, assim, raivosamente ásperas da pele encrespada dum animal, em fúria retesada, e húmidas e babadas duma carícia odiosa que se liquefazia a uma temperatura alta, pretensamente...

O condenado exigiu então uma última noite autêntica, uma noite de cara de mulher, aveludada de olhos, e um hálito decente: o hálito que todos os outros homens [sorvem] radiosos da convicção de não estarem condenados a nada, nem sequer à morte...

O condenado gritou para afugentar a besta que tinha o ar duma ave gigantesca a chocar o infinito, mas o ninho tinha ímans ocultos e qualquer nascimento parecia ter sido irremediavelmente [adiado,]

E rojou-se no solo enterrando os lábios para fugirem a ser derretidos na baba verde e ácida, mas o chão era uma esponja passiva e os lábios foram sorvidos, voluptuosamente...

(CHEGAM OS CARRASCOS)

Luvas de veludo mascaram as mãos que me forcem, suaves, a comer a lama! E há tenras promessas a acenar dos desvãos para se cumprir, íntegro, um certo programa.

Mas os lábios fecham-se e recusam a oferta cuspidando nas máscaras de tacto cetíneo, e as mãos já não escondem a porta entreaberta por detrás da qual se comete o assassinio!...

(A MÁQUINA DA MORTE)

A seiva da luz líquida da aurora
alimentará a máquina da morte
quando esta brotar do solo, flor inesperada,
e encher os olhos, em crepúsculo, da vítima
com as suas pétalas espalmadas em lâmina.

Será então que, nos últimos momentos,
o condenado tentará desfolhar nas próprias órbitas,
e com mãos já em ninho para os beijos alados dessa morte,
a pétala geradora do perfume transitório
que é o destroçar da derradeira virgindade!

(A LÂMPADA APAGA-SE)

O combustível do olhar está no zero do indicador de nível,
e a boca ávida de chama sorve as últimas gôtas da mecha mir-
[rada].

A lâmpada do olhar, em breve liquidamente exausta,
deixará de incendiar a secura das coisas.

Há um resto de corpo que ainda arde para além da chama
ao abrigo da pequena e isolada gruta do coração,
e daí parte a súbita e alta labareda
que precipita a lâmpada num paraíso de trevas.

ALFREDO MARGARIDO — Nasceu em 5 de fevereiro de
1928, em Moimenta, Trás-os-Montes. Colaborou
(ensaio e poesia) em Távola Redonda, Cadernos
de Poesia, Árvore, Bicórnio, etc.

No dédalo das mãos sem saudade
do som uníssono da pedra rolando
entre a base do destino e o passado,
abismo transporto mas ainda aberto
por sob os passos do cadáver despedaçado
pelas feras fulvas entre o rumor
das violas, ah! das violas rubras
do fim do mundo negro do olvido
imenso dos pássaros sem idade,
dilúvio de palpitações através da carne
que sobe os degraus do templo e os destrói;

sepultados quem nos ouve ao longe
entre a floresta dos veados vermelhos
crepitando de salto em salto?
Muda tempestade de cabelos côm de laranja
vai a voz de encontro aos anjos vítreos
e, com o fragor do templo ruindo sob
o gume de um espesso mistério
conduzido pela máquina sem tréguas,
abjecta dor que uma pinça acaricia
ao longo do rio onde o anjo se debruça
e, curvado tinge de solidão a espada
ninho do lento inseto do silêncio,
para destruir o fulgor do trágico corpo.

O CADÁVER

No torvelinho da morte
os pássaros artificiais
perderam os olhos de vidro
e vôo incomunicável.

Assim nasceram as elipses
no fundo do tédio,
onde, lúcido, fala o amor
aos navios naufragados.

Ergo a praça no sonho
e confundo-a com a casa,
entre árvores e jardins
no dorso do acaso.

Na simples casa de verão
onde os sendidos se chocam
ergo outro céu e outra casa
no aposento mais íngreme.

Passa a viagem a plantação
neste céu sem aves
deserto sem caravanas
onde o cadáver flameja e cresce.

Sobre êste mar azulado tremula a alheada
a alheada insígnia solta e imensa
vibrante águia velha a abrir as asas
sobre êste mar azulado onde o vento solta
ah! solta o difuso e transitório encantamento
das pálpebras tombadas junto do amor
sobre êste mar azulado

Ensina-me a estar calmo a fronte lisa
riso ensano do vencedor dos medos
acariciando o riso petrificado do anjo
ensina-me a estar calmo virgem que nua
vais para dentro do crime lançando a inquietação
do bendito clamor do rio libertado
ensina-me a estar calmo

Se outra vez apetece conhecer a hora positiva
em que a corrente se projeta no crepúsculo
cruzando a palidez marmórea do perfil
se outra vez apetece ir pela paisagem estival
onde descuidadas as codornizes gritam
a luz turva da mansão resplandescente
se outra vez apetece

O meu crime está oculto na cidade falsa
esquivo entre coleantes alamedas de eterno
amplo gemido que se move ao redor
o meu crime está oculto perturbado de sons
e confuso é o inconcebido inda longínquo
inteiriçado cadáver isento da peleja
o meu crime está oculto

Renuncio ao julgamento para tornar de novo
pela janela alta a olhar a mendiga
voz que se alegra e veloz vai vela branca
pendendo sobre momento de tensão
ah! renuncio ao julgamento trânsito
erguido para além do instante da dor
renuncio ao julgamento

O mêdo rijo e insular relâmpago
na compaixão estreita e desumana
estalando enfim no élitro palpitante
o mêdo rijo e insular sepultando
o horizonte tenebroso de hidras e de crimes
rompendo as paredes movediças como pesadelos
o mêdo rijo e insular.

ANTÔNIO MARIA LISBOA — Nasceu em Lisboa em
1928. Participa do Movimento Surrealista.

REVE OUBLIE

Neste meu hábito surpreendente de te trazer de costas
neste meu desejo irrefletido de te possuir num trampolim
nesta minha mania de te dar o que tu gostas
e depois esquecer-me irremediavelmente de ti

Agora na superfície da luz a procurar a sombra
agora encostado ao vidro a sonhar a terra
agora a oferecer-te um elefante com uma linda tromba
e depois matar-te e dar-te vida eterna

Continuar a dar tiros e modificar a posição dos astros
continuar a viver até cristalizar entre neve
continuar a contar a lenda duma princesa sueca
e depois fechar a porta para tremermos de mêdo

Contar a vida pelos dedos e perdê-los
contar um a um os teus cabelos e seguir a estrada
contar as ondas do mar e descobrir-lhes o brilho
e depois contar um a um os teus dedos de fada

Abrir-se a janela para entrarem estrêlas
abrir-se a luz para entrarem olhos
abrir-se o teto para cair um garfo no centro da sala
e depois ruidosa uma dentadura velha

E no Cimo disto tudo uma montanha de ouro

E no Fim disto tudo um azul-de-prata.

I

E' um estilete de luz

a imensidade de que és feita
e contorna um azul-sonho-neve
igual aos cabelos que descobri a saírem da tua bôca
— dos teus olhos de imaginação
— dos teus lábios curvos de aurora.

Saíamos

enquanto as pessoas olhavam admiradas o Arco do Triunfo
deixando escorrer dos bolsos fitas e serpentinas
para tudo se passar como no pássaro
para deixar objetivamente escrito
nas margens do Rio
do Mar
— o continente submerso
— o navio de todos os amantes
— por onde rola a carruagem em que viajamos
pintada de Liberdade e de Poesia
contigo a dormir sôbre o meu peito.

Por isso eu senti ser fácil o suicídio fácil e possível

Fixou-se no muro da tua residência
sôbre a porta que se abre ao visitante
um símbolo mágico e de cabala
— a oportunidade do meu regresso
— a história maravilhosa que te direi na viagem

Procurei
nas fôlhas espalhadas pelo nosso leito

a recordação do que há-de vir

- apenas no esparso
- no diverso
- no ato simultâneo de defesa
- no viajar de aerostato incógnito de distância
- na noite mágica

Na primeira noite mágica que nós tivemos

II

Abriu-se a janela que caminhava sôzinha
e saiu um sonho simples de criança:

O meteoro da transformação

pousado a um canto o meu Jôgo de Cabala
(um montinho de quadrados, de círculos, de tri-
ângulos, dispostos geomêtricamente sôbre um
tabuleiro grande)
o meu Tratado de Magia Humana
(um caminho de ogivas, um relógio a dar horas
sôbre um túmulo em pé, os postes magné-
ticos, os cordões da angústia)
FALO — no Laboratório Mágico ao dar-se a aparição espontânea
de Lautrèomont e Freud que traziam sôbre as sobrance-
lhas um corte fino a atravessá-los lado a lado.
Ao aparecer a mulher escandalosamente
vestida de vermelho
êle dirige-se para a jovem
e os outros passeiam sôbre as rochas
onde fica oculto o corpo do homem que chega continuidade

E mudo aponta o horizonte

Paris, 1949

CARLOS EURICO DA COSTA — Nasceu em Viana do Castelo, Minho, em 1928. Participa, desde 1948, no Movimento Surrealista. Colaborou nas revistas literárias "A Serpente" e "Árvore". Publicou "Sete Poemas da Solenidade e um Requiem". Vive atualmente em Lisboa.

ALTERAÇÃO DO ESTRANGEIRO

Eis finalmente êste leito de moluscos
êste país insólito das campânulas fosforescentes
radioativando-nos na sua mesa de cristais
o país das fontes cautelosas
das florestas móveis do contraponto.

Ei-lo finalmente
e só temos para nós êste silêncio
quando provocamos os insetos da tragédia
o carnaval frio das palavras
uma nênia entoada pelo pobre desencantador das vírgulas
a mão que treme idolatrando o pó da infecção
Está aqui. Acaso não reconheces?

Eé bem certo que a partícula de saliva lhe deformou os olhos
e os braços estão exaustos de abater lustres, irreconhecíveis.
Mas não importa, é êle.

À porta o louco espera o momento oportuno de sorrir
e mais valerá que os relógios paisagísticos se alterem
mesmo que a fotografia (ex-estátua decepada)
nos exiba a inconfidência do desencontro.

Valerá mesmo que a água encontre o seu caminho
que os esquemas dos aviadores tenham o seu oculto significado
ou até que a porta se abra ruidosamente.

Dêste lado estaremos nós
como as lâmpadas dos pescadores no Mediterrâneo
como os crânios antevistos ao fim
nós, os doentes epidêmicos das cidades.

A febre que nos queima
é o contacto dos objetos da manhã
a cadeia de oiro nos pulsos de Henry Miller
o arsenal dos paranóicos
que acordam com a morte nos olhos
o coração inundado por um líquido mais denso.

Todos os dias nos interrogamos
onde começa ou acaba êste jôgo mesmeriano
o terminus desta locomotiva que nos arrasta
deixando-nos loucos
como as mães que nos procuram ferindo os inimigos.

Dispersos ao norte ou ao sul
ante as estátuas de bronze de Mercúrio
no caudal do Lima
o nosso encontro sucederá no mar
a terra avistada como uma grande montanha.

Diremos

palavras de ódio, de tristeza, de fascinação; palavras de rancor de deslumbramento, de ternura; palavras de sangue, palavras mágicas, de comédia, de destino, de morte; palavras inquietas, excessivas; palavras de amor, palavras precisas, eufônicas; palavras de magia, de destruição, de profecia,

e nas sombras que decoram o sol
será admitido o nosso afastamento
acabaremos sobre um céu que nos transforma
diremos sim
para que o tempo seja reduzido
e os signos que encantam os amantes possam prevalecer.

Chegará a noite
expugnada noite oceânica
das deformadas estrêlas que nos cegam
o refluxo branco e cinzento
as nuvens aspiradas pelo tufão sobre o nosso rosto.

NUMA ALTA PRAÇA

Numa alta praça de nuvens
terás o meu corpo sobre a própria sombra
com colunas de fumo descendo pelos braços

Do refúgio do seu silêncio
uma ave tomba a teus pés entre o trânsito da cidade
a ave-peixe a ave transformada em rio
como nos teus olhos um diamante
como passa a noite em palavras selvagens

Esse sangue precioso

a tua vida

uma pedra de verdade

Nos teus gestos sobe a minha memória

os nervos brancos do ódio que te doe
Não me verás nas cabeças curvadas prestes a chegar
mas na tranqüilidade dum sono que te abarca
E na tua frente contrata de percepção
essa luz que só as minhas mãos sabem

Entre sombras como nas lendas da bíblia
dormindo ficarás sete anos sobre o teu choro.

.....
Da minha figura salvar-se-á a luz que em ti ficou

Lisboa, Junho de 1952.

CARLOS WALLENSTEIN — Nasceu em 1925 nos Açores.
Poeta e ator teatral. Tem colaborado em revistas
literárias.

POEMAS

Inflama cravos vermelhos
com o seu olhar escuro.
Cravo vermelho entre os olhos
corpo róseo de joelhos.

Nascem vermes dentre o tato
da pele com êste dedo.
E toiros entre o cabelo.
E mãos em cada contato.

Passou junto ao roseiral
colhendo insetos corados.
Nascem pedras dos seus braços.
Nasce o bom e nasce o mal.

Oh! astro de estranha forma!
Mulher em astros vertida
A realidade contorna
o céu ao fundo da vida.

Verde vida que me tomas
passa lesta aí vem gente.
Neste meu contentamento
um longo som de redomas

aquece o alegre pensar
sôbre as côres do teu noivado:

opala na gargantilha,
tom de amor ao corpo anexo.
E vermelho sôbre o sexo
quente vermelho que brilha

entre colunas de jaspe
e pelos de negra renda.
De ti, nada me ausenta.
Sou mar em que te banhaste

e em soluços te tomou
nos braços de algas eternas.
Dormes nas minhas cavernas.
Vives no ar do meu vôo.

Morre! Ah, peço-te que morras...
branca estátua entre as águas
no negro das minhas fráguas
ao som das minhas redomas...

Um dedo meu erguido há-de riscar teu nome no céu azul da
[cidade]

nome idéia
loira idéia como astros
meiga e violenta
cravo, pedra de alicérece, lisa superfície

(não grito)

apenas ciciar de dentes cerrados, cio e força
No céu ingênuo da cidade
cinzento o teu nome rastro de algodão
no cinzento ofuscante céu de uma ilha verde

no negro teto amplo de uma ilha do mar
entre tubarões e pombas
e ondas
e ecos
e búzios...
Cruel dedo meu escreverá teu nome em todo o mundo
no céu igual de todo o mundo
em nuvens
ou cruelmente com sangue violento
esta unha em ti rasgando entre dois ossos uma veia
para escrever teu nome aladamente
realidade survolante
asa de avião igual-a-música.
Um dedo meu e mais
alto dedo esguio chaminé vermelha de fábrica
escreverá no céu teu nome.
Um apito de barco no silêncio
vazio silêncio
noite de silêncio vazia
um apito de barco escreverá teu nome no céu de sangue.

Nenhum poeta do gênero sexual
saberá medir angústias fora de teu nome.
Nenhum simples dedo.
nenhuma cama
nenhum jardim
nenhum carro
nenhuma sepultura à sombra de ciprestes ou no descampado
nenhum fumo de lareira
fumo de gasolina
de barco
será alheio à realidade
violenta substância de teu nome.
E as praias

os rios as docas
o cordame dos barcos dentro da noite
nada
que respire nesta vida íntima que de nós dimana,
terá sentido físico ou abstrato
sem que teu nome no rasgado horizonte desça e na memória
[persista transformação discondante]

mensagem
promessa e fruto
paixão antes da morte
teu nome existência estranhamente colorida
enfeitado de algas
e luzes,
— e se misture no sangue e no sangue viva corpolento e duro
pedra entre pedras
onda entre ondas
barco entre montanhas
florido encontro de penedo e seiva.

no negro teto amplo de uma ilha do mar
entre tubarões e pombas
e ondas
e ecos
e búzios...

Cruel dedo meu escreverá teu nome em todo o mundo
no céu igual de todo o mundo
em nuvens
ou cruelmente com sangue violento
esta unha em ti rasgando entre dois ossos uma veia
para escrever teu nome aladamente
realidade survolante
asa de avião igual-a-música.
Um dedo meu e mais
alto dedo esguio chaminé vermelha de fábrica
escreverá no céu teu nome.
Um apito de barco no silêncio
vazio silêncio
noite de silêncio vazia
um apito de barco escreverá teu nome no céu de sangue.

Nenhum poeta do gênero sexual
saberá medir angústias fora de teu nome.
Nenhum simples dedo.
nenhuma cama
nenhum jardim
nenhum carro
nenhuma sepultura à sombra de ciprestes ou no descampado
nenhum fumo de lareira
fumo de gasolina
de barco
será alheio à realidade
violenta substância de teu nome.
E as praias

os rios as docas
o cordame dos barcos dentro da noite
nada
que respire nesta vida íntima que de nós dimana,
terá sentido físico ou abstrato
sem que teu nome no rasgado horizonte desça e na memória
[persista transformação discondante]

mensagem
promessa e fruto
paixão antes da morte
teu nome existência estranhamente colorida
enfeitado de algas
e luzes,
— e se misture no sangue e no sangue viva corpolento e duro
pedra entre pedras
onda entre ondas
barco entre montanhas
florido encontro de penedo e seiva.

EGITO GONÇALVES — Nasceu em abril de 1922 em Matozinhos. Publicou os livros de poemas: "Poema para os Companheiros da Ilha" (1950); "Um Homem na Neblina" (1950) e "A Evasão Possível" (1951). Dirigiu, em colaboração com Alexandre Pinheiro Tôrres a revista de poesia "A Serpente". Colaborou em "Távola Redonda", Portucale e Árvore.

PARAGEM

O pássaro fendeu os ares e tombou morto.
Caiu sobre um canteiro onde florescia lírios
E imediatamente as vísceras comunicaram a desagregação.
Então vieram as formigas
Assaltaram-no,
Sugaram-no em milhões de partículas...
E o pássaro coberto de negrura movediça
Foi diminuindo de volume
Esquecido dos sóis que procurara.

FAR-WEST

A bailarina deslisa, veloz, no foco luminoso
E penetra na "tela", onde fica a branco e negro.
Sorridente inicia o bailado sobre o longínquo palco
E a sala fica súbitamente purificada pelo silêncio.

Nos seus pés volteia o fulcro do romance
Em que as pistolas gritam, os vaqueiros morrem
E na noite as cavalgadas faíscam
Chispando nos caminhos como a lua nas águas.

Todos anseiam o sinal do início.
Nervosas mãos apalpm os cintos.
O impotente sheriff vai mascando o charuto
Enquanto as cadeiras esperam ser desfeitas.

O mundo divide-se entre o prenúncio de pólvora
E as musculadas coxas da bailarina seminua
Que, natural, se move inconsciente
Como uma chama ao longo do rastilho.

EPISÓDIO

A Morte assistiu com entusiasmo ao espectáculo!
Riu com os cowns
(sobretudo naquela anedota do esqueleto)
Deliciou-se com os malabaristas
E os exercícios de força tiveram-lhe a atenção suspensa.
Mas agora,
No "clou" do circo,
Enquanto a trapezista voava a sua carne branca
Entre escadas de corda,
Os olhos foram-lhe tomando um brilho pardacento
De mar alterado.
Então levantou-se da sua cadeira na primeira fila
E chegou ao centro da pista precisamente a tempo
De recolher a trapezista ao precipitar-se no solo.



CONTINUIDADE

Na hora agreste da tempestade
Quando o vendaval chegou rufando tambores
E os pássaros desertaram, voando para novos céus,
Os homens ficaram em fila propícia silenciosos,
Encostados à muralha e ignorantes disso.
Aviões substituíram os pássaros insubstituíveis...
Bôcas de metralhadora assobiaram balas...
Os homens gritaram,
Torceram-se em curvas de dor e de morte,
Amontoando-se no solo sujo
Numa agonia que nenhuma flor adoçou.

Muitos escaparam porém.
Fatigado de apunhalar a insensível argila
O vendaval quebrou e sumiu.
Os pássaros voltaram, as flores abriram...
Os homens curaram as suas feridas,
Espreguiçaram-se ao sol da primavera
E encostaram-se de novo na muralha
Em fila propícia.

RETRATO

Esperando, identifico-te na estátua,
A rima fecunda, o noivado secreto,
As pequenas coisas de ilusionismo fácil
Que servem para explicar o teu encontro.

Nas ruas da cidade caminhas apressada
Entre automóveis e imaginários amplexos
Em direção à minha boca de cativo
Na arquitetura absurda desta tarde,

Trazes contigo o segrêdo desenhado
Que derrete a moldura nas parêdes
E desfoca a paisagem, chapa branca
Que te entrega em relêvo à minha sêde.

Feito em sensualidade e rosas brancas
Teu desnudo coração atrai o tempo
Destruindo a lembrança das ausências
Na poeira ilocalizável dos minutos.

INSCRIÇÃO

O desespero transforma-se em asfalto,
As tempestades calafetam as janelas.
O turista passeia. No mamilo do monte
Um moinho ergue as quatro velas nuas.

Na mais profunda gruta da floresta
Se conhece a mágica do cenário.
O sangue dos cadáveres sulca as rochas
E queima a atmosfera como um geiser.

Fértil só o teu nome que se inscreve
Nos pretextos do vento e da planície
E, aguardando o momento de florir,
Apunhala a resistência das manhãs.

Fértil, a canção que te escorre dos dedos
E aponta um desafio contra a morte.
Um avião mergulha e bombardeia
A cidade perdida e os labirintos.

Fértil é a tua nudez comunicável...
As tuas pernas de porcelana quente,
E a linha de espuma que embeleza
A rota dos pacíficos navios.

EUGÊNIO DE ANDRADE — Nasceu em Castelo Branco em 1923. Tem colaborado em revista literárias nacionais e estrangeiras. Publicou: “Adolescentes” em 1942; “Pureza” em 1945; “Antologia Poética de Garcia Lorca” (seleção e tradução), em 1946; “As Mãos e os Frutos”, em 1948; “Os Amantes Sem Dinheiro”, em 1950; e “As palavras interditas”, em 1951.

TU ÉS A ESPERANÇA

Tu és a esperança, a madrugada.
Nascestes nas tardes de setembro
quando a luz é perfeita e mais doirada,
e há uma fonte crescendo no silêncio
da boca mais sombria e mais fechada.

Para ti criei palavras sem sentido,
inventei brumas, lagos densos,
e deixei no ar braços suspensos
ao encontro da luz que anda contigo.

Tu és a esperança onde deponho
meus versos que não podem ser mais nada.
Esperança minha, onde meus olhos bebem,
fundos, como quem bebe a madrugada.

ESPERA

Horas, horas sem fim,
graves, profundas,
esperarei por ti

até que todas as coisas sejam mudas.
Até que uma pedra irrompa
e floresça.
Até que um pássaro me saia da garganta
e no silêncio desapareça.

RETRATO

No teu rosto começa a madrugada.
Luz perfeita
abrindo como uma rosa,
transparente e molhada.

Melodia
distante mas segura,
irrompendo da terra,
casta, fresca e madura.

Mar imenso,
praia deserta, horizontal e calma.
Sabor agreste.
Rosto da minha alma!

ODE A GUILLAUME APOLLINAIRE

Ao lado dos anjos desembarcados em Marselha,
nas margens do Sena, ao ouvido de Marie,
leio os teus versos, meu artífice,
leio os teus versos, sem piedade de ti.

Leio os teus versos neste outono breve
onde passeiam, lentos como a água,
Lou e Ottomar;
a esperança é ainda violenta,
mas estamos tão cansados de esperar!

Leio os teus versos nos cemitérios
onde tu cantas a melancolia
dos mortos sem sepultura,
e choro ao lado de Madeleine,
órfãos de sonho e de aventura.

E tu passas, lírico artilheiro
que foi à guerra e não foi vencido;
tu, que escrevias o nome num rio,
que montavas um toiro com luas nos cornos,
Orfeu carregado de obuses e de cio.

Passas e seguem-te saltimbancos
ébrios de versos e de setembro;
um marinheiro, alto como um cipreste,
entorna sobre ti luas e estrêlas
e os barcos de neve que lhe deste.

Passas e entras no Paraíso
onde os bichos te esperam deslumbrados;
Martin, Gertrude, Hans e Henry,
crianças prisioneiras das raízes,
dizem-te adeus, esquecidas já de ti.

O' Madeleine, não tenhas piedade.
Os mortos somos nós, aqui sentados,
como a noite nos ombros e embalando
a angústia nos braços decepados!

AS PALAVRAS INTERDITAS

Os navios existem e existe o teu rosto
encostado ao rosto dos navios.
Sem nenhum destino flutuam nas cidades,
partem no vento, regressam nos rios.

Na areia branca onde o tempo começa,
uma criança passa de costas para o mar.
Anoitece. Não há dúvida, anoitece.
E' preciso partir, é preciso ficar .

Os hospitais cobrem-se de cinza.
Ondas de sombra quebram nas esquinas.
Amo-te... E abrem-se janelas
mostrando a brancura das cortinas.

As palavras que te envio são interditas
até, meu amor, pelo halo das searas;
se alguma regressasse, nem já reconhecia
o teu nome nas suas curvas claras.

Dói-me esta água, êste ar que se respira,
dói-me esta solidão de pedra escura,
e estas mãos noturnas onde aperto
os meus dias quebrados na cintura.

E a noite cresce apaixonadamente.
Nas suas margens vivas, desenhadas,
cada homem tem apenas para dar
um horizonte de cidades hombardeadas.

FERNANDO GUEDES — Nasceu em 1 de julho de 1929, no Pôrto. Publicou, poesia, Esfera (1948) e O Poeta (1950). Trabalha atualmente na tradução para português da obra poética de T. S. Eliot. Tem em organização com o arquiteto Fernando Lanhas e o pintor Júlio Rezende, uma Revista de Arte Contemporânea.

1

Quebrado em pedra
firmo-me entre losangos extremos.

O ar, ausente de Alma,
vive de estranheza
no plano.

Alturas de astro
sulcam paralelas
— e o momento avança
em círculo maior.

A paragem pensada
levou a cumprir.

A luminosidade do farol
não é hoje;
e esquecer
é estar presente.

2

O espaço alargou-se
em verticalidade exata.
Sol, se houve,
teve diferença e mentiu.

Depois,
o instante foi outro

3

Tempo
prolongadamente azul.

Caem pontos mais belos
para lá
e disseca-se a figura em linha
em linha triste.

Semelhanças fósseis
unem braços
em brúscas margens alcançadas;
pontas de altura
limitam olhos realmente abertos
frente a unhas
cravadas de silêncio.

4

Há,
na Alma,
luz azul.
Modulações de voz
abrem limites ao silêncio
e o corpo liquefaz-se,
diluído em som.

Homens diferentes
abrem largos olhos
num rebentar de medos
por canteiros.

Mais que a recusa,
o inconsciente fecha braços
em telhados de lume.

POESIA DE AMOR

Amo-te
em mundos e mar.

Fora do tempo,
no espaço branco,
jazem-nos universos,

A Pedra atinge
a dupla derrota
dum achado.

Faróis luminosos
alçam espera
no assombro de nos sermos um;
na lógica de nos encontrarmos,
pelas órbitas dos peixes,
nos ramos partidos.

HENRIQUE RISQUE PEREIRA — Nasceu em Lisboa,
em 1930. Tem atuado no movimento surrea-
lista.

POEMAS

Sinto os desertos ondulados
e a tua carne,
desejo o céu cristalino
e os teus olhos,
admiro o crepúsculo acre
e os teus lábios,
e vivo em noite na magia da noite em vivo
a rir
no desespero de quem sabe contar o amor em anos de morte
e sabe que o sinal dos tempos
é o sinal inalterável das Coisas irreconhecíveis
que marcam a ruína infalível para a qual escorregamos entre
[vidros]
a sonhar o fio dos aços e o enigma das tórris que emigram
através de todos os pensamentos e de todas as direções sublimes.

POEMAS

Chapéu fantasma
mulher flor
corola pétala

Ventre oco
antro réptil
estrêla sismo
forma irreal

Minha flor mulher
meu brinquedo infante
minha cadeira vento
meu cristal encanto

O poeta teu poeta
a flor de pétalas marinhas
a medalha infantil

O poeta
caminho solitário entre muros
deserto gelado e melancólico

O poeta
a pantera adormecida

O poeta teu poeta
como um mar misturado ao mar
Noite grande noite de perigos noite de crimes
Noite fantasma noite de morte e de amor
Noite de fogo e de feras
Noite de luas e vampiros noite de raiva e sangue

.....
Minha noite amante minha noite de velas.
Pela manhã entre a melancolia das árvores elevadas e frias
há uma sombra abandonada como uma bôca.
Velas brancas abrem-se em clarões de púrpura
constroem-se fantasmas
e um corpo martirizado é arrastado
por entre flores e trigo

e por cima da mancha azul por cima da cidade azul
como um peito como uma íris fúria
entre as estrêlas no espaço como uma nebulosa
vejo-te errante vejo-te oculta
vejo-te infinita perpetuada em fogo.

E sinto que no interior da noite
ruge um abismo
e sinto a harmonia escondida entre
as pétalas da flôr exótica como uma madrugada quente
quando as algas sobem em bizarras construções
quando a luz tece um arco.

Sôbre esta areia dura caminham
crianças vagabundas adormecidas na bôca dos búzios
e eu procuro-te no hálito dos ventos
que sopram entre os mares noturnos.
Restam-nos os pássaros e os nossos olhos
e tu meu bem por enseadas e golfos
e mares cobertos de espuma espessa
e tu meu bem meu chapéu de núvens
entre os nossos rostos fala-nos e canta-se

o azul entrelaçado aos nossos cabelos
e entre os nossos lábios passam vibrando
os ventos mudos que vêm de longe
esgotados infinitos antiquísimos
destruindo a terra fértil podre e profunda.

MÁRIO CESIRINY DE VASCONCELOS — Nasceu em Lisboa em 1923. Da sua obra encontra-se publicado o poema "Corpo Visível" (1950) e o "Discurso para A Reabilitação do Real Cotidiano" (1952). Integra-se, desde 1947, no Movimento Surrealista. Reside em Lisboa.

UM CANTO TELEGRÁFICO

Êste passo encontrado que nos guia entre as mesas
êste chegar tão tarde às pontes levadiças
para uma exposição de rosas no nevoeiro
êste eterno trabalho de doadores de sangue
é o que mais nos defende do massacre
vá recomeçemos
do ocasional gemido do fantasma eriçado
as notas principais:
pendurar numa árvore o rio capitoso de tantas lágrimas
descer de chapéu na cabeça até ao patamar
dizer à noite aos cabelos da noite
que basta descalçar lentamente um sapato
que basta ter achado atrás do travesseiro o relâmpago azul do
[contato com as mãos]
ou ter ido seguro por lençóis de linhoça devastar de arbustos
[as solidões do teu corpo]
feito de todo o mármore do mundo de todos os presságios que
[transtornam o mundo erguido para o silêncio que estru-]
[tura o dorso de tôdas as paisagens belas frágeis no mundo]

descer depois de mãos dadas o mais fundo mar
voltar de rosto na água e aparecer às janelas
com um capuz no sítio da cabeça
Ah! Um automóvell...

Nós vivemos há muito esta nova espécie de caverna bruxa
alta pelo silêncio que nos veste
real pela erosão de um sol peculiar que ilumina o recinto
[intermitentemente]

um sofá que não é para aqui chamado
também podia servir de modelo à ampla descrição do fenómeno
[a luz]

que nos excede e emite nos liberta e sufoca
depois há um que entra a perguntar o que é
e tudo assume um pouco o ar policial
dos casacos em fuga pela realidade fora

Merecemos o nosso passo de bichos de dilúvio
merecemos que nos ceguem todos os dias
merecemos estar sôzinhos rodeados de prédios
merecemos ter conosco tôda a vontade
fim princípio moleza de costumes
assassinatos histórias de basílicas
e até (como não?) dominicais
mas como não gritar à passagem triunfal do Grande Monstro
[Impecável]

como sermos bem nós e a *localidade*
muito bem disfarçada de *necessidade*
pela miraculosa realidade que é nossa
como não aspirar a um ponto do espírito um ou outro
em que a deflagração cristaliza uma rosa Ascensional
e como são as palavras para dizer que te amo
fantasma cidade doida de braço contra as ondas
alta promessa minha sempre em vão coroada

Apetece contar uma história tão grande que as pessoas saiam
[aos tropeções de casa]

apetece anunciar com voz fanhosa
cronologicamente cruelmente
tôdas as horas do pasmo
tôdas as terças-feiras da angústia de haver rosas
todos os dias do calendário do medo
todo o fumo e tôda a raiva de um relógio de sol
mancharam-nos o pulso e ficamos febris
de chapéu na cabeça e rindo alto
há um rato na tua camisa a luz dói como nunca
as amantes esperam nos seus quartos
num plácido e extenuante recolhimento gráfico
já não basta encostarmo-nos à parede
para que tudo ressurja e vestir de novo as fardas
já todos vão sabendo que afinal as tuas mãos
se parecem contigo

*“Anda! Vamos sair desta cidade
onde o sonho é sempre para dividir por quatro!”*

Uma linha de praias que estarão desertas
até que tudo acabe com um mergulho na água
no horizonte riscada pelas nuvens a reprodução feérica da tua
[face]
tudo o que mais me seguiu tudo o que foi angústia primaveril
e se é pelo mar que a paisagem se segura à terra
é por ti que respiro é por ti que estou vivo, fixo à mais alta
[montanha]

nesta reia fugindo à aventura terrestre
nesta cascata de prédios como beijos suspensos
sobre abismos abrindo mansamente o seu mármore
ó príncipe de primavera
da sombra quilométrica à pedra côr de rosa

da. minha força ao grito dos teus olhos
as trepadeiras mais altas caem nuas
o caminho mais teu é onde estás imóvel
e um murmúrio de brisas não te dá descanso

Oigo a tua presença de animal ansiando a perfeição
e o comboio que veio para deixar-nos sós
um fósforo é pouca coisa e é todo o recurso
para ver-te na noite esta noite que andamos
uma última vez ensangüentados
amemos a nossa pedra o nosso olhar de mil côres
o mármore radioso das figuras bloqueadas
como são as crianças e os gigantes
uma última vez e mais estranhos
mais desertos de enigmas mais atrozmente firmes
sob a opulenta folhagem dos soluços

“Dir-te-ei que os meus dias foram os teus dias o teu leito o meu
[leito o teu corpo êste mar]”
“dir-te-ei que há uma rosa oculta num jardim e que ela é uma
[outra (como nós fomos)]”
“Estas pétalas são os teus olhos fechados”

Sãos as ondas por onde sopra o vento e nasce a côr da aurora
[e outra (como nós fomos)]”

“Dir-te-ei que foi agora”
“e que não voltará a repetir-se”

Na sombra repousante
os teus olhos
os teus vãos pensamentos
como um leito avançando sem suporte
ou um navio perdido do dono

Entre os espelhos acesos pela folhagem
afasta-se cantando a tua última sílaba
e o dia
o nosso dia
o da barca no rio
e da vida visível para tráfego
o dia anoiteceu doirado como um lobo
abrindo o leque das mil cenas celestes
com o homem na ponte côr de rosa velho
as mãos na água a cabeça no mar

Tu partirás primeiro de lado contracenando
e contigo ir-se-á tôda a paisagem
resta uma águia assustadoramente voando alto
na retina
do vento
resta o que foi permitido: tocar o horizonte

Amanheceremos fantasmas de uma outra vida
seguiremos imóveis caindo por distração
de amarra para amarra tomaremos o elétrico
para o fundo da terra cidade lúcida e quente
e aí expostos de novo sempre à fúria dos engenhos destruidores
interceptaremos outra vez a vida
digo-te sim faremos girar a terra
com o polegar nos polos, canto telegráfico só captável pelo ar do
[Karakal, entre os gelos gigantes do Tibet]
e o indicador nos céus realizando o futuro da harmonia
para além de uma lágrima de um adeus com os olhos
numa estação sombria vomitando morte

Dito isto fica um grande espaço vazio
onde não chega o mais ligeiro canto
foi constituída uma comissão balcânica
para medir a extensão de certas sobrevivências

há forte motivo para esperar que
os turcos cheguem a acôrdo sôbre se
a lua estava lá naquela noite
ou se
pelo contrário a bem dizer
não estava porque então como é uso
ah que me importa a comissão balcânica e os bigodes ou não
[da canhoneira bandida]
olho o pouco de terra que era nossa
quando a teu lado as lâmpadas subiam
do território livre

MÁRIO HENRIQUE LEIRIA — Nasceu em Lisboa a
1923. Poeta e Pintor. Colaborou em revistas
literárias. Reside em Lisboa.

CANÇÃO DA MANHÃ

como os estranhos pássaros nascidos em tua bôca
como os rios que te correm entre os olhos
como as esmeraldas que formam as asas dos teus ombros
como os longos ramos da árvore de sono do teu braço
como o grande espaço em que o teu corpo repousa
deitado na tua própria mão
como a tua sombra idêntica à nuvem
que se encontra no mar

assim é a presença que de ti tenho
nas noites em que o fogo se acende
nas montanhas longínquas e fulgurantes
quando os meus passos me projetam
para os mais elevados cumes solitários
quando o sangue canta
através do aço vibrante do meu corpo
levando-me ao longo do caminho de flores rubras
que tu plantaste

assim é o desejo de te encontrar
nascida nas minhas mãos
erguida como torre de catedral perdida
envolta na minha bôca
caminhando comigo
pela estrada que nossos pés abrirão triunfantes

Deixa que eu quebre tudo que tenho e que terei
tudo o que é de todos e que só a mim pertence
deixa-me quebrar o cavalo que me deste
na noite do nosso primeiro encontro
deixa-me partir a bola o cão o espaço
deixa-me quebrar a minha casa e a minha cama
a minha única cama...

não quero que me contem a aventura
nem que me dêem almofadas
não quero que me ofereçam sombras
só por mim construídas e logo abandonadas
nem sequer esquinas de ruas
não quero a vida
sei claramente que a não quero
a não ser que ela esteja partida quebrada
quebrada por mim e por ti

e a minha infância
essa dou-ta
inteira muito longa e cruel
deixa que dela me fique apenas
essa crueldade
e que nela só eu siga
ignorando o que me deste
e que

martelo ou pedra
eu continue partindo quebrando
esfacelando dilacerando
o teu corpo que já não está ao meu alcance

deixa-me ser anatômicamente autêntico
sem êrro
sangrando
perdido para sempre

POEMA

eu sei
que há um lugar por descobrir
um lugar tenebroso e cantante
como a ponte dos velhos manequins

aí
o teu corpo
dois seios despedaçados
e o vento só o vento
soprado através dos
teus cabelos

A CIDADE ADORMECIDA

Foi decretada a mobilização geral.
Bom, isso não teve importância nenhuma
tanto mais que era simplesmente
por causa de haver guerra.
Era uma guerrazinha pequena
que estava metida numa gaiola
e piava muito,
sempre a pedir alpista e arroz do Sião.

Davam-lhe alpista,
mas arroz nunca lhe davam e,
por isso,
foi decretada a mobilização geral.
A guerra piava cada vez mais.
Trouxeram-lhe um cunhado
muito lavado,
muito engomado
e zás, comeu-o.
Então começou a tocar o tambor
e lá fomos todos,
com a espingarda na algibeira
e a mochila cheia de não-fazer-nada.
Na guerra só o que se fazia era comer.
comiam-se nabos,
comiam-se lições de inglês
e comia-se muito medo
que nos era dado todos os dias
pelos majores que lá não iam
porque ali era longe.
No fim
comeu-se o decreto de mobilização geral
com o arroz do Sião
que não foi pôsto na gaiola da guerra.

Voltamos todos a tocar corneta
e sem a espingarda na algibeira
pois se tinha gasto tôda
com o andar,
porque não lhe tinham dado botas.

Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil - 1953